LIVROS-OBJETOS E ALMANAQUES: MARCAS E DESLOCAMENTOS

Profª. Drª. Luise Weiss, artista visual e professora da Faculdade Santa Marcelina
Suzana Azevedo, artista visual e responsável pelo Ateliê Oficina do Tempo

RESUMO

O presente ensaio apresenta reflexões e análises da produção artística recente de Luise Weiss e Suzana Azevedo, na qual o livro de artista e sua relação com a memória são abordados de maneiras distintas, mas, ao mesmo tempo complementares. Em ambas, a matéria-prima dos livros-objetos vem do descarte de materiais, resíduos de outras atividades, sobras que devem ser repensadas e retrabalhadas num trabalho posterior. Com esta ação evoca-se memórias, marcas e esquecimentos.

Palavras-chave: Livro-objeto, espaço, memória, esquecimento, narrativas visuais.

ABSTRACT

This paper presents ideas and analysis of recent artistic production of Luise Weiss and Suzana Azevedo, in which the artist's book and its relationship with memory are approached differently, but at the same time they are complementary. In both, the material in the books-objects comes from the disposal of materials, waste from other activities, remains to be rethought and reworked in a later work. With this action, conjures up memories, trademarks and forgetfulness.

Key words: *Book-object, space, memory, forgetfulness, visual narratives.*

Livros-objetos e Fotografias: questões espaço-temporais (por Luise Weiss)

> O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.
> (Roland Barthes. A câmara clara)

A fotografia, como uma das matérias-primas utilizadas para a elaboração de livros-objetos, foi introduzida pelos artistas por meio de experiências gráficas, fotogravuras, processos de transferências e a fotografia propriamente dita, cópias xerografadas, incluindo projeções fotográficas sobre livros. A presença da fotografia indubitavelmente traz consigo questões inerentes á própria fotografia, simultaneamente às características dos livros-objetos. O livro como objeto evoca aspectos temporais no folhear páginas, no ir e vir delas. O tempo se encontra

embutido no livro, assim como a presença da fotografia evoca o tempo, entre o que foi e o que é, o que vejo, no presente, e o referente do passado, o que foi.

O registro fotográfico ocorre pela impressão, projeção fotográfica, processos de transferências e técnicas mistas. Os livros-objetos de Anselm Kiefer, Christian Boltanki, Leila Danzinger e outros são apenas alguns exemplos. Durante a década de 70 e 80, inúmeros artistas vinculados à Arte Conceitual elaboraram livros-objetos, cartões postais, cartas nos quais se mesclavam textos, desenho, fotografia, xerox, carimbos. Utilizavam-se fotografias apropriadas de jornais e revistas, e ainda há a presença de fotografias que registravam seqüências de ações ou de interferências urbanas, Land Art e outros. Ou seja, a fotografia transitava entre documentação, ficção, denúncias e registros de passagem de tempo ou ações. Os livros-objetos adquirem várias feições, ora aproximando-se do aspecto documental, ora do aspecto ficcional, ora evocando a memória, o esquecimento ou ainda a marca que ficou. A procura de uma estética dos livros-objetos, me faz conciliar a imagem fotográfica com a memória e o esquecimento: um livro que através de imagens relata o tempo que passou.

Certo dia, sonhei com um livro no qual eu pudesse capturar o tempo: devaneio, sonho, impossibilidade. Tratava-se de um livro que nunca se finalizava e que dizia do tempo. Quando acordei quis organizar este livro... em vão, imagens surgiam e novamente desapareciam e nenhuma se aproximava daquele sonho. Imaginei várias soluções gráficas, nenhuma me agradou. Aos poucos o projeto esvaeceu-se, para retornar novamente, em outro momento, o que aconteceu durante a pesquisa do doutorado, no qual o projeto voltou-se para os retratos e fotografias antigas (familiares inicialmente, e posteriormente de grupos anônimos). Manipulando estas imagens fotográficas, tirando xerox ou experimentando ampliações no computador, deparei-me com um material que sugeria novos livros-objetos. Nestas séries, surgidas ainda entre 1995 e 1997, a matéria-prima básica constituiu-se de fotografia em preto e branco, portanto os livros, criados a partir daí, também mostravam-se em branco e preto, sépia e cinzas.

Nesta série de livros de artistas e livros-objetos[1] há uma busca mais enfática em torno das questões espaço-temporais que acompanham os projetos artísticos deste período. A fotografia impõe-se como matéria-prima fundamental, pelas reproduções,

ampliações, experiências com a máquina xerox ou a computação gráfica. Como as fotografias datavam de períodos passados, a grande maioria era preto e branco, sépia ou cinza, cores que predominam nestas séries. As fotografias, pela própria natureza, marcam um instante, uma fração de tempo congelado. É um meio que carrega esta carga, denota um tempo passado. A natureza da imagem se transforma ao olhar do artista, inicialmente, e após, ao olhar do espectador. Na medida em que manipulamos essas imagens passadas, elas tornam-se presente, para novamente tornarem-se passado.

O sonho inicial, no qual imaginava ser possível capturar o tempo, transformou-se: em vez de captura, eu diria, livros e cadernos registram o fluir do tempo. O espelho, por sua vez, quem sabe, também reflete o tempo marcado nos nossos rostos, pois, além de formas e textos, pode refletir nossas feições e as marcas do tempo. Metáfora do tempo, o livro em si impregnado de memória e tempo: para lê-lo, preciso de um tempo, para virar a página, para montar uma seqüência visual.

As descobertas científicas acompanham a época da fotografia, assim, logo surgiram as seqüências fotográficas de Muybridge, focalizando o movimento, etapa por etapa: movimento da figura humana, de animais em locomoção, em tempos congelados pale fotografia. Relacionando o livro com o tempo, Jeanne Marie Gagnebin comenta em seu livro *Lembrar, Escrever, Esquecer*:

> Aleida Assmann se detém ainda numa outra metáfora – fundadora de nossa concepção de memória e de lembrança: a da escritora, este rastro privilegiado que os homens deixam de si mesmos, desde as estelas funerárias até os e-mails efêmeros que apagamos depois do uso – sem esquecer naturalmente os papiros, os palimpsestos, a tábua de cera de Aristóteles, o bloco mágico de Freud, os livros e a biblioteca: metáforas-chave das tentativas filosóficas, literárias e psicológicas de descrever os mecanismos da memória e do lembrar. (p.111)

Ao abrir um livro, o tempo impregnado neste livro começa a fluir, não o tempo cotidiano, mas, sim, o tempo da leitura: um tempo paralelo[2]. A sequência da escrita constrói uma narrativa, muitas vezes associadas às imagens. Na imagem fotográfica este tempo passado já está impregnado na imagem: já foi. A sensação temporal não é criada paulatinamente, na medida em que as palavras fluem, mas, de chofre, ela marca sua presença, impregnada. A fotografia traz a questão do tempo inerente, aquela imagem não poderia existir simultaneamente, o objeto fotográfico está ausente, apesar de mostrar o contrário: a presença. Muitas das imagens fotográficas

remetiam ao movimento, um caminhar, um aproximar-se um afastar-se, um deslocar-se, algo que a própria fotografia pudesse sugerir. A vontade do movimento, novamente presente: movimentar, caminhar, "dar vida": utopia.

Ao contemplar uma imagem fotográfica, as questões temporais e espaciais evidenciam-se: a fotografia mostra alguém, esta pessoa, entretanto não está presente, e o espaço também não é mais o mesmo. Percebemos o preenchimento de ausências, de vazios... silêncios. No entanto, ao manipular os livros, incorporamos movimentos, ritmos, a leitura da mesma imagem fotográfica muda, transforma-se. As fotografias extraídas do passado voltam ao presente, tempos fundidos. Boris Kossoy comenta em seu livro *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*:

> Resta a ausência que deixamos, os livros, os papéis intermináveis e, por vezes, fotografias. Imagens que escondem significados perdidos, rememorações secretas. (p.163)

Os Livros-objetos: considerações e reflexões

Separei 6 (seis) livros-objetos para exemplificar algumas questões de interesse. A produção destes projetos abarca o período de 2005 a 2010. Trata-se de uma produção manual, com exemplar único. A matéria-prima básica constitui-se de cópias xerografadas e ampliadas, processo de transferência de xerox, materiais pertencentes a sobras de cópias. Os livros-objetos são constituídos de seqüências narrativas visuais, não há texto, ou seja, na leitura deles predominam as imagens. São livros visuais, ou ensaios do tempo e da memória.

(fig.1) recortes com imagens xerografadas, 40 x 30 cm

Recortes e Janelas, 2009 (fig.1)

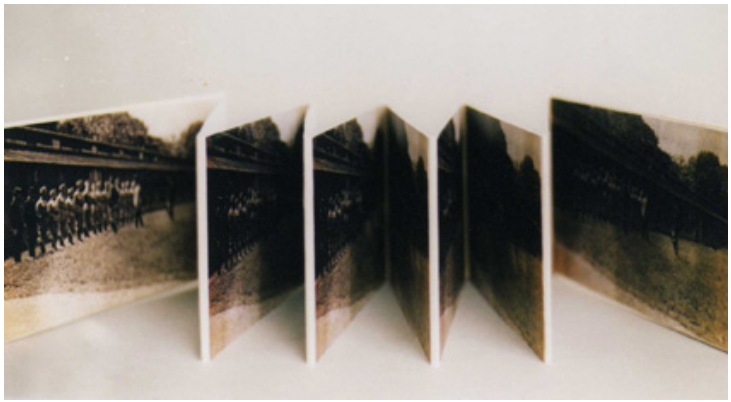
Durante a pesquisa do meu doutorado, realizei muitos recortes em fotos xerocadas, principalmente nos retratos, uma vez que o tema central girava em torno do retrato. Resolvi juntar um montante de folhas de xerox recortadas e observei o conjunto: uma janela recortada deixava entrever um pedaço da outra imagem, e assim por diante. Um pedaço de imagem transparecendo na janela vazada, um fragmento conduzindo para outro, e assim por diante. Ao folhar o livro, as janelas recortadas sucedem-se, entretanto, nunca se completa a imagem que permanece em aberto; sempre em aberto.

(fig.2) xerox colorida e papel laminado, 40 x 30 cm

Livros-espelhos, 2005 (fig.2)

Neste espaço de tempo surgiram diversos livros-objetos que espelham a imagem da outra página, porém não de maneira nítida e clara, mas em imagens turvas, distorcidas, como muitas vezes as imagens da memória se mostram: vagas, fugidias, rastros de imagens evanescentes. Para tal foram utilizados papéis de superfície metálica, até enrugados, que possibilitavam algum tipo de projeção, mesmo tratando-se de uma sugestão vaga.

O livro-díptico explora a imagem espelhada, porém um espelhamento turvo, deformado. Pergunto-me as imagens da nossa memória não são assim, turvas, apenas sugerindo rostos?



(fig.3) xerox colada em sanfona, 40 x 30 cm fechado

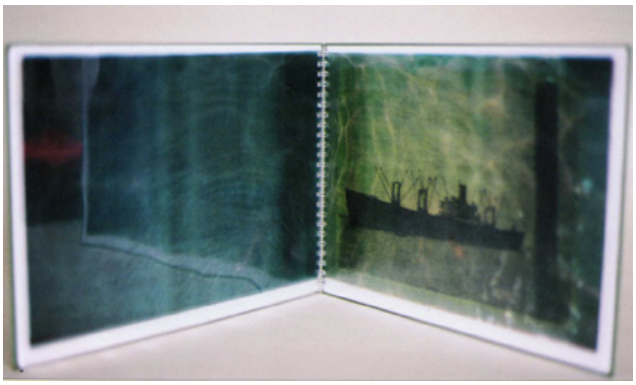
Marcha Soldado, 2008 (fig.3)

Do encontro com documentação fotográfica familiar da época da Primeira Guerra Mundial, uma fotografia em especial chamou a minha atenção: a fotografia de uma fileira de soldados, de pé, em fila. Olhando-a, a fila estendeu-se, alongou-se ao infinito. Uma fileira de soldados, uma linha do horizonte constituída por homens que, marchando, encaminharam-se ao destino incerto. O livro abre-se como uma sanfona, na horizontal, evocando uma fileira d soldados prontos para marchar. A fotografia original data da Primeira Guerra Mundial, do acervo familiar de fotografias.

(fig.4) transferência através de solvente, 30 x 20 cm

Travessias e Marcas, 2010 (fig.4)

Este livro-objeto constitui-se de uma série de papéis japoneses finos e translúcidos. A imagem fotográfica (um rosto anônimo) foi transferida com solvente e estopa. Neste procedimento, a imagem transpassou as páginas, deixando no final, apenas manchas. Um processo de apagamento gradativo.



(fig.5) imagens fotográficas impressas em transparências, 20 x 30 cm

Submersos, 2009 (fig.5)

Para a realização de sobreposições fotográficas, documentei detalhes de chão, terra, água, material que serviu para uma série de experimentos. Reuni as cópias em transparência, e no final, folhando o livro, surge a sombra de um navio. Denominei-o *Submerso*, pois lembra um navio surgindo do fundo do mar.

> O que é um livro, se não o abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas. Mas, se o lemos, acontece uma coisa rara: creio que lhe muda a cada instante. (Jorge Luis Borges. Cinco Visões Pessoais)

É na estrutura da obra que reside o segredo de uma obra denominada "criativa", inusitada, instigante. E é também na falta de estrutura, das obras "fechadas",m que encontramos o porquê de determinados livros serem tão efêmeros, tão passageiros. Outro problema poderia ser uma dependência da ilustração em relação ao texto, e não uma interação. Esta questão não apenas se referem à literatura, mas às artes plásticas de uma maneira geral, também.

A perda de um livro, ou a destruição do mesmo acarreta uma dor definitiva, algo que foi perdido para sempre. Há, evidentemente, também os livros que causam dúvidas, indiferenças; mas, de uma maneira genérica, poder-se-ia dizer que trabalhar com livros significa considerá-los importante, não apenas isoladamente, mas como um coletivo. E também como preciosidades individuais, tesouros. Há livros que guardamos a vida toda. São livros que construímos durante toda a vida e que estimulam o nosso pensar e ver o mundo, ou revê-lo.

Percebo nesta trajetória de livros de arte dois momentos específicos de criação: de um lado, os projetos que nascem ao acaso. São momentos nos quais as imagens se sobrepõem, se justapõem, e subitamente sugerem um novo livro, uma nova

seqüência visual. Estes livros muitas vezes têm forma de livros, pelo aspecto formal, pela manipulação. Outros adquirem formatos de objetos, de formas que não necessariamente lembram livros; por exemplo aproximam-se dos objetos, transformando-se em vídeos. Todos, entretanto, possuem algo em comum: ao serem abertos, escrita e imagens convidam para um mergulho, um entrar no livro, no qual tudo se entrelaça, sonhos, pensamentos, devaneios sobre um tempo que flui e que nos leva junto, nas imagens, nas cores, nas texturas e formas. Livros sanfonados, livros abertos, fechados, livros matéricos, transparentes, leves, pesados, rolos, caixas, não importa a forma finalizada ou mesmo a técnica escolhida, o tempo que eu procurava fora dos livros, descobri-o dentro, nas imagens, nas sequências, na nitidez, no enuviamento... Esquecimento e memória, imaginação... Abrindo o livro, percebemos um tempo, ali, impregnado. O tempo que tanto me preocupava, que me fugia, está lá, nos livros... Dialogando com a matéria, com os negros, cinzas, brancos. É na sua qualidade plástica que o tempo está impregnado. É no virar a página, que o minuto ou segundo se esvai; mas diferentemente da vida, posso voltar à página e recomeçar. E na seqüencialidade das imagens, instaurado um novo tempo, o da leitura.

E acima de tudo, considero os livros-objetos como uma expressão artística, tangenciando nos seus desdobramentos as diversas áreas, como impressões gráficas, pinturas, objetos-colagem, técnicas mistas, fotografias, computação gráfica, etc..., e que nos encanta com as suas diversidades. Mudar suportes, explorar levezas, pesos, materiais perecíveis ou duradouros, mudar tamanhos, escalas, formatos... livros pesados, enorme, livros miniaturas... livros virtuais, eletrônicos, etc... tudo isso apenas faz sentido se houver um projeto sólido acompanhando a técnica, e que justifique a escolha do material.

Almanaque do Tempo Comum (por Suzana Azevedo)

Imprimindo-se um caráter de investigação e registro na produção de imagem e palavra, a construção do trabalho denominado "Almanaque do Tempo Comum" tem início em sua natureza moldada na memória de materiais, descartados ou não, e no deslocamento de conceitos. Com essa ação estudam-se também suportes interativos que compreendem, na obra, a emoção dos registros para além da resolução plástica e da palavra agregada a ela. O almanaque do tempo comum

deixa confortável esse mecanismo mental, consciente ou quase, no qual uma emoção é transferida ou deslocada do seu objetivo original para um substituto aceitável. Nesse discurso, encontra-se a justificativa para sistematizar acervos de um processo criativo em livros ou almanaques, que sejam resolvidos independentemente do material ou expressão usados no seu fabrico.

Em 1999 foi iniciada por mim, a produção de uma obra que agrega ao seu exercício iconográfico um dizer. Ao longo desses anos o trabalho, por mais diversificado que se tenha apresentado, confirma o que se expõe aqui.

Na primeira fase dessa produção foram construídos os trabalhos que compuseram a instalação intitulada "Fragmentos". A obra foi exposta, individualmente na Galeria de Artes Dumaresq no ano de 2000 em Recife. Foi resolvida como um estudo de fios e se utilizou desde o uso da juta rústica até a leveza do *voil,* tendo sido sua voz impressa nas *assemblagens* de cartas/palimpsestos (fig.01), que foram lixadas até a impossibilidade de leitura guardando no traço estéril memória e o deslocamento da mensagem outrora presente ali. A instalação constou de outros dois módulos que não fazem parte dessa discussão.

fig.01

Seguindo com o mesmo interesse, mais uma oportunidade para compor outro almanaque apresenta-se a convite da Galeria Rodrigues. O título da obra é: pré con cei tos e é resolvida com os seguintes materiais: madeira, juta aquarelada, argila e resina, tudo delimitado por fios de arame farpado. Em meio a esse peso matérico, está presente o traumático tema proposto, que é o preconceito de uma sociedade colonial do século XIX. O romance que inspira a obra é do escritor pernambucano

Joaquim Maria Carneiro Vilela e intitula-se [3]"A Emparedada da Rua Nova" onde é abordada uma situação em que o pai constrói uma parede/ túmulo onde encerra a filha viva, por ela encontrar-se grávida ainda solteira. Cada painel da instalação (fig.02) contém**:** base de pinho, um sudário em juta onde figuram nuances do interior uterino, uma sílaba da palavra preconceitos em argila, tudo coberto com resina. Esse almanaque com quatro volumes possui áudio com texto que é lido em voz clara ouvindo-se ao fundo tilintar de sinetas, trotar de cavalos, badaladas de sinos de igrejas e ruídos de construção civil em um retorno sonoro ao século XIX. Esses elementos, todos deslocados dos seus lugares de referência e contexto de tempo, comprometem-se entre si, propiciando a situação bizarra onde se evoca uma memória igualmente mórbida. Com esse trânsito de sentimentos, materiais e conceitos, o almanaque/instalação foi exposto na Galeria Rodrigues em mostra coletiva que reuniu outras expressões de artistas pernambucanos em torno do mesmo tema. Os fruidores leram através desse almanaque que fala de um tempo cruel, os seus próprios corações, evocaram seus próprios mistérios e alguns se deixaram ficar quietos, sentados, atentos ao que viam e ouviam naquela estranha leitura dos preconceitos.

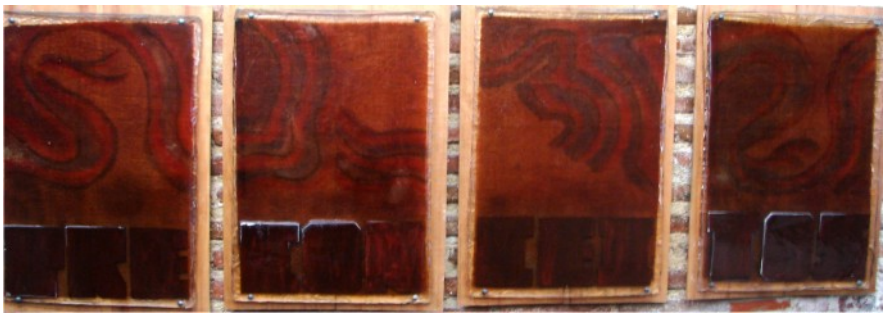


fig.02

Objetivando complementar a profusão de sentimentos contidos na proposta de construir livros/objetos, almanaques mistos de imagem e voz, focaliza-se agora o vídeo intitulado "Sombra". Esse vídeo foi feito a partir do trabalho de montagem da instalação processual e itinerante, intitulada [4]"Afetos Roubados no Tempo". As imagens foram captadas de um passeio entre os 730 objetos/afetos seguidos de suas sombras e dos fios usados como suporte, propiciando um constante movimento entre os corpos/sombras e também do áudio que permite ouvir a palavra criada para tratar do espaço vago, do estado de luz e não luz, da voz e sua

ausência, o silêncio. Nesse almanaque a palavra e a imagem estão em formato virtual, leve, sem o peso da matéria.

Focaliza-se agora a produção dos almanaques mais recentes 2005 – 2010. Ainda agregando a necessidade de registrar e conceituar memórias trazidas, longinquamente, através da verificação de materiais, focalizando a observação do nosso tempo comum, onde o fluxo nervoso e constante da sociedade consumista que vivemos, faz do nosso cotidiano uma fábrica de descartes. Atente-se para o trabalho proposto como almanaque, fabricado com suporte egresso do descarte de papéis que escreve sua fala em dois tempos: com a linguagem da memória implícita no lixo e com palavras escritas reforçando sempre a presença de um texto incorporado ao trabalho como se vê na figura 03. Essa instalação foi mostrada como assoalho na mostra "Com a planta do seu pé veja o chão do seu barro" – Oficina do Tempo/2008 e como teto na mostra "O chão, lugar da memória" - Galeria Capibaribe – UFPE/2009, num movimento de deslocamento do suporte chão para o suporte memória ambas em Recife PE.

fig.03

O prazer em qualificar o refugo, deslocá-lo da situação de imprestabilidade, acatar sua contribuição como memória ressignificando sua natureza, encontra fundamentação no trabalho do espanhol Manolo Valdez e do catalão Antoni Tápies. Eles trouxeram para simbologia das suas produções o refugo, o descarte, materiais deslocados dos seus contextos originários para interagir com outras abordagens e integrar uma memória comum ao nosso tempo. Observe-se no trabalho de Manolo Valdez (fig.04), onde ele apropria-se do formato tradicional do livro e vale-se da textura crua dessa matéria, a madeira, para construir a sua representação de livros.

fig.04

[5]Los libros en uma librería tienen también algo de autorretrato. Son una colección, con lo que connota este hecho de memoria autobiográfica, de suma de recuerdos acumulados, de lecturas inolvidables, de lugares em los que fueron adquiridos o de vínculos e personas concretas, acompañados de momentos irrepetibles, incluso revelan un orden o desorden personal en el cómo están colocados los volúmenes em los estantes y baldas. (Guggenheim Balboa, 2002-2003)

---

[1] Surgidos principalmente na época do doutorado, no qual a temática, "Retratos Familiares: in Memoriam" envolveu pesquisas com material fotográfico tratando-se inicialmente de fotografias familiares, em seguida, incorporei fotografias anônimas. Durante o período da pesquisa, tanto do doutorado, como da livre-docência, "Saga: uma trajetória...", as fotografias tornaram-se eixo fundamental da pesquisa artística. As fotografias dos álbuns familiares, mesmo anônimas, "contêm" nomes, destinos, vidas, que, mesmo desconhecendo, plasticamente as exploro. Os contrastes de luz e sombra, os brancos e pretos, as texturas, as formas.

[2] No catálogo *Tendências do livro de artista no Brasil* há uma colocação pertinente, que diz: "nos exemplos até agora apontados, o livro de artista configura-se como uma unidade expressiva que veicula uma determinada idéia de arte e que incorpora em seu processo estrutural o elemento fundamental na construção do livro: sua natureza seqüencial".

[3] A obra foi editada em folhetim no Jornal Pequeno entre 1909 – 1912, depois transformada em volume.

[4] Trabalho de concepção da artista e professora Dr.ª Viga Gordilho, que teve minha parceria e curadoria em Pernambuco. A mostra em questão foi apresentada na Galeria Capibaribe – UFPE, em Recife – 2006.

[5] Os livros em uma livraria têm, também, algo de auto-retrato. É uma coleção com a conotação de memória autobiográfica, de muitas lembranças acumuladas, de leituras inesquecíveis nos lugares onde elas foram feitas ou de vínculos e pessoas concretas acompanhadas de momentos que não se repetem, revelando inclusive uma ordem ou desordem pessoal na forma como estão arrumados os volumes nas estantes.

Referências

Livros

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Sumus, 1983

BORGES, Jorge Luis. *Cinco Visões Pessoais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985

_____. *Sete noites*. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda., 1980

CASTLEMAN, Riva. *A Century of Artist's Book*. London: Thames and Hudson, 1994

FERREIRA, Glória. *Crítica de Arte no Brasil: Temáticas Contemporâneas*. Funarte, 2006

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. São Paulo: Editora Imago, 1997

_____. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006

IANNA, Octavio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Artes do Livro, 1995

KOSSOY, Boris. *Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007

LYON, Joan. *Artist's Books: a critical anthology and soucerbook*. New York: Visual Studies Wokshop Press, 1993

MANGUEL, Alberto. *Uma história da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

MANGUEL, Alberto. *A Biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

McMURTRIE, Douglas. *O livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gubbenkian, 1997

MOEGLIN-DELCROIX, Anne. *Esthétique du Livre d'Artiste*. France: Jean Michel Place. Bibliothéque nationale de France, 1997

SELIGMANN, Márcio S. *Palavra e Imagem, Memória e Escritura*. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2006

SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2001

Catálogos

"Único em seu gênero". Livro de artistas plásticos. Foundation for Today´s Art/Nexus. Suzanne Reese Horvitz. Anne Stengel Roman, 1995

"Tendências do Livro de Artista no Brasil". Centro Cultural São Paulo, de 16 de maio a 23 de junho de 1985. Curadoria: Annateresa Fabris e Cacilda Teixeira da Costa

"Book Arts in the EUA". Richard Minsky. Center for Book Arts. New York, 1990

"Livros de arte no Brasil". Cacilda Teixeira da Costa. Edições Patrocinadas. Itaú Cultural, São Paulo, 2000

"Livro-objeto: A fronteira dos vazios". Museu deArte Moderna de São Paulo, de 7 de março a 16 de abril de 1995

BILBAO, Guggenheim, "Manolo Valdez – Pintura y escultura - Catálogo editado por Art of this Century y Fundación Del Museo Guggenheim Bilbao, 2002-2003, pág. 63.

Revistas

Connaissance dês Arts, nº 458, 1990

Humboldt, ano 45/2003 – nº 86, Texto: Aleida Assmann. *A gramática da memória coletiva*

Artigos

PLAZA, Júlio. *O livro como forma de arte I e II*. Arte em São Paulo, nº 6 e nº 7, abril e maio de 1982

"Books, book, objects, bookworks, artists' books". Clive Philipot. Revista Artforum, maio, 1982

"O livro de artista: da ilustração ao objeto". Annateresa Fabris. O Estado de São Paulo, 19.03.1988, p.6, ano VII, nº 401

Luise Weiss

18/10/1953, brasileira, casada. luisew@terra.com.br. Artista visual e professora. Leciona as disciplinas Desenho e Gravura no Instituto de Artes da Universidade de Campinas (UNICAMP), na Faculdade Mackenzie e na Faculdade de Artes Santa Marcelina (FASM). FORMAÇÃO 2006 Livre-Docência: "Saga: uma trajetória ..." / Instituto de Artes – Universidade de Campinas (UNICAMP) 1998 Doutoramento: "Retratos Familiares: in Memorian" / Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo (USP) / Orientação: Prof. Evandro Carlos Jardim. 1986 Mestrado: "Metaobjetos" / Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo (USP) / Orientação: Prof. Dr. Júlio Plaza Gonzáles. 1977 Licenciatura Plena em Educação Artística, 1º e 2º graus / Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo (USP). Para mais informações: http://lattes.cnpq.br/2487237766025926

Suzana Azevedo

Brasileira, viúva. Artista visual e coordenadora do Ateliê Oficina do Tempo. FORMAÇÃO 2003 Graduação em Educação Artística – A. Plásticas – Universidade Federal de Pernambuco. Para mais informações: http://lattes.cnpq.br/4713236319535680